

NOTAS SOBRE O CULTO AOS ORIXÁS E VODUNS

CLÁSSICO PIONEIRO DE PIERRE FATUMBI VERGER
RETORNA ÀS PRATELEIRAS PELA EDUSP





Fundação Pierre Verger. | Foto: Tacun Lecy.

EDITORIAL

Depois das festas de fim de ano, da Lavagem do Bonfim, da Festa de Yemanjá e do Carnaval, o ano novo se apresenta com mais força para todos e com ele, a primeira edição de 2020 do Boletim Informativo da Fundação Pierre Verger que traz como destaque o retorno do livro **Notas Sobre o Culto aos Orixás e Voduns**, de Pierre Fatumbi Verger, publicado pela Edusp. O livro é um marco para as histórias de Verger e das religiões africanas e afro-brasileiras, pois se trata de uma das primeiras publicações sobre o tema em todo o mundo e que, ainda hoje, é fonte de pesquisa para todas as pessoas interessadas nessa temática.

Outra publicação que trazemos em notícia é o livro-catálogo **AFRICAMERICANOS**, fruto da exposição homônima realizada na Cidade do México, em 2018. Nessa publicação, Pierre Verger é homenageado em reconhecimento pelo seu pioneirismo no destaque às temáticas afro-americanas.

Noticiamos o embarque do grupo brasileiro que participa do projeto de intercâmbio cultural **Identités em Mouvements**, dessa vez para a mobilidade na Guiana Francesa, tendo como ponto de encontro a comuna francesa Maripasoula. Também contamos sobre a visita à Fundação de um morador de Canudos que falou sobre a importância do olhar humano de Verger sobre a cidade depois da Guerra.

E não poderíamos deixar de falar em exposição fotográfica! Trazemos um pouco sobre **Botanicals**, uma mostra em cartaz em Valência, na Espanha, que aborda a representação de plantas ou formas vegetais e que cria uma narração visual de obras de arte da coleção Per Amor a l'Art com a participação de artistas como Karl Blossfeldt, Imogen Cunningham, Hans-Peter Feldmann, Jonas Mekas, Alessandra Spranzi e Pierre Verger.

Já sobre o Espaço Cultural Pierre Verger, temos uma entrevista com Jaqueline Santos, uma ex-moradora do Engenho Velho de Brotas que doou uma coleção de livros clássicos para a biblioteca da Fundação, na qual ela conta sobre o seu amor pela leitura e como Caetano Veloso e Maria Bethânia a influenciaram no caminho da literatura; informamos, também, sobre a abertura das inscrições para as oficinas do Espaço; contamos como foi a ação de Natal promovida por funcionários da Odebrecht com as crianças da comunidade; e as parcerias com a antropóloga e cineasta Irina Linke e com o projeto Brazil Cultural, que comemorou 15 anos.

É isso aí! Ano novo, vida nova e a Fundação Pierre Verger continua desenvolvendo as mais diversas atividades. Desejamos uma boa leitura, lembrando que acessando o nosso [site](#) você fica por dentro de mais informações sobre as ações e os serviços oferecidos pela Fundação. Até a próxima edição!

CONTEÚDO

04

PUBLICAÇÃO Notas sobre o Culto aos Orixás e Voduns

06

EXPOSIÇÃO AFRICAMERICANOS

07

INTERCÂMBIO Identités en Mouvements – Mobilidade Guiana Francesa

08

CONEXÃO Um Olhar Humano sobre Canudos

09

EXPOSIÇÃO Botanicals: Per Amor a l'Art

10

ARTE, CULTURA, EDUCAÇÃO Espaço Cultural Pierre Verger

16

INSTITUCIONAL Fundação Pierre Verger

FUNDAÇÃO PIERRE VERGER

Presidente: Gilberto Sá.

EXPEDIENTE: Boletim Informativo bimestral, elaborado pela Comunicação da Fundação Pierre Verger.

Coordenação e Conteúdo: Alex Baradel, Angela Lühning e Tacun Lecy.

Organização: Tacun Lecy.

Textos: Angela Lühning e Tacun Lecy.

Fotos: Javier Escudero e Tacun Lecy.

Design Gráfico e Diagramação: Tacun Lecy.

Revisão: Alex Baradel, Angela Lühning e Tacun Lecy.

Contato: comunicacao@pierreverger.org

APOIO FINANCEIRO:



SECRETARIA DE CULTURA SECRETARIA DA FAZENDA

A Fundação Pierre Verger é mantida com apoio do Fundo de Cultura do Estado da Bahia.



Fotografia publicada no livro *Notas Sobre o Culto aos Orixás e Voduns*. | Legenda: Hévioso, Abomey, Bénin (Anos 50). | © Fundação Pierre Verger.

NOTAS SOBRE O CULTO AOS ORIXÁS E VODUNS

A Edusp - Editora da Universidade de São Paulo recentemente imprimiu uma nova tiragem do livro ***Notas Sobre o Culto aos Orixás e Voduns***, de Pierre Verger, com tradução e organização de Carlos Eugênio Marcondes de Moura e inicialmente publicado em 2000. Trata-se da tradução do livro originalmente publicado em francês, *Notes sur le culte des orisa et vodun à Bahia, la Baie de Tous les Saints, au Brésil et*

à l'ancienne Côte des Esclaves en Afrique, em 1957, pelo Institut Français d'Afrique Noire, que foi uma primeira abordagem sistemática de materiais escritos existentes sobre os cultos aos orixás e voduns no Benin e na Nigéria, numa época que existiam ainda poucas informações publicadas sobre o assunto, em geral.

O tema foi abordado por Verger desde quando publicou, em 1954,

o seu primeiro livro sobre a temática religiosa africana, *Dieux d'Afrique*, sendo este livro composto basicamente por fotografias e uma resumida descrição do contexto ritual de cada orixá, desta forma contribuindo para uma importante compreensão visual das tradições religiosas africanas. Mas, mesmo com a pioneira contribuição de *Dieux d'Afrique*, o livro ***Notas Sobre o Culto aos Orixás e Voduns*** vai ainda além. Como

Verger ressalta no prefácio, havia poucas informações na África sobre os desdobramentos diaspóricos de seus cultos, bem como na Bahia não havia mais informações sobre paralelos com as práticas religiosas nos países africanos mencionados acima, algo que o livro se propõe a amenizar.

Desta forma, **Notas Sobre o Culto aos Orixás e Voduns** traz, além das observações, descrições e anotações do próprio Verger, resultado das suas pesquisas realizadas em 1948, 1952 e 1955 no Benim e na Nigéria, também, uma vastíssima compilação dos mais diversos autores que já tinham escrito sobre o assunto, seguindo uma organização cronológica de seus escritos. Mas, certamente, a parte mais importan-

te deste livro, são os inúmeros *orikis* de todos os orixás inseridos no livro, compilados por Verger ao longo das suas pesquisas, buscando ampliar os conhecimentos disponíveis sobre o assunto. É importante ressaltar que as fotos de **Notas Sobre o Culto aos Orixás e Voduns** são as mesmas de *Dieux d'Afrique*, incluindo também fotos coloridas, recurso, depois desta data, pouco usado por Verger.

Sem dúvida, este livro é um marco na história das religiões africanas e afro-brasileiras, pelo fato de apresentar esse importante *corpus* da literatura oral iorubana. A redação final foi fruto de uma reclusão de 18 meses na Ilha de Gorée, permitindo a Verger escrevê-lo. **Notas Sobre o Culto aos Orixás e Voduns** só foi publicado em português mais de 40

anos após a publicação em francês, graças à Edusp (uma das maiores editoras universitárias brasileiras), mas nos últimos anos encontrava-se esgotado. Dessa forma, o retorno às prateleiras fecha uma lacuna, permitindo novamente o acesso do público a este importante documento sobre os cultos aos deuses africanos.

A Fundação Pierre Verger dispõe dessa publicação, que pode ser adquirida na nossa loja online. [Clique na imagem abaixo e receba o seu exemplar em casa.](#)

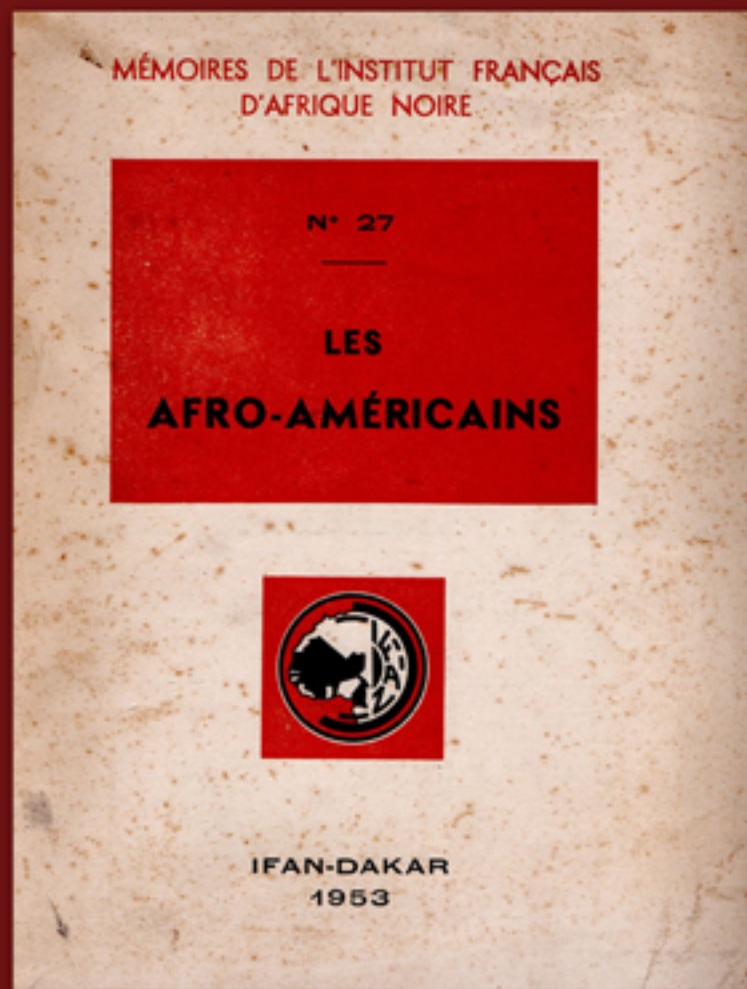
Notas Sobre o Culto aos Orixás e Voduns

Editora: Edusp. Edição: 2. Ano: 2019. ISBN: 8531404754. Dimensões: 23x23 cm. Largura: 23 cm. Nº de Páginas: 624.

PIERRE VERGER

NOTAS SOBRE O CULTO AOS ORIXÁS E VODUNS





Capas do livro LES AFRO-AMÉRICAINS e do livro-catálogo AFRICAMERICANOS. | FOTOS: Reproduções.

AFRICAMERICANOS

O ano era 1952 quando os primeiros trabalhos de Pierre Fatumbi Verger sobre as culturas afro-americanas foram publicados pelo Institut Français D'Afrique Noire - IFAN, no periódico *Les Afro-Américains*. A instituição, com sede em Dakar (Senegal), havia contratado Verger especialmente para documentar semelhanças entre as culturas do Benim e da Bahia, em um momento no qual ele já havia realizado um trabalho fotográfico abrangente sobre as culturas afro-americanas, notadamente na Bahia, no Haiti, no Suriname (Guiana Holandesa) e nas Antilhas. Registrava-se ali, o pioneirismo de Fatumbi em afirmar as relações culturais entre os continentes africano e americano através da sua obra.

Em 2019 foi lançado o livro-catálogo **AFRICAMERICANOS**, fruto da exposição homônima, que oferece uma pesquisa visual poderosa que reúne imagens históricas de importantes arquivos fotográficos

e as combina com produções contemporâneas encomendadas para este projeto, no qual se destaca a reunião de trabalhos oriundos de uma diversidade geográfica forte, incluindo países cuja raiz afrodescendente é pouca conhecida, como Argentina e México.

Pierre Verger é homenageado nesse projeto, tendo as suas fotografias iniciando o catálogo, indicando, ali, o pioneiro no destaque a essas temáticas. O catálogo conta, também com obras de Maya Goded, Sandra Eleta, Nelson Garrido, Cristina de Middel e a coleção do Instituto Moreira Salles, entre outros.

A Fundação Pierre Verger dispõe de um número limitado dessa publicação, que pode ser adquirida na nossa loja online pelo valor promocional de R\$ 120,00, dividido em até três vezes. [Clique aqui e receba o seu exemplar em casa.](#)

Após a conexão estabelecida por

Verger entre essas culturas, diversos pesquisadores, antropólogos e artistas abordaram em seus trabalhos essas relações, gerando uma grande produção de informações sobre essas culturas. **AFRICAMERICANOS** é o primeiro projeto inovador de pesquisa e produção visual que busca revisar e esclarecer a configuração de imaginários associados a comunidades afrodescendentes em 16 países da América Latina e no Caribe. A exposição foi realizada em 2018, no Centro De La Imagen, na Cidade do México.

O LIVRO-CATÁLOGO

- Capa dura: 236 páginas
- Editora: RM/Museo Amparo/Centro de la Imagen; Edição: 1 (29 de outubro de 2019)
- Idioma: Espanhol.
- ISBN-13: 978-8417047955
- Dimensões: 24,1 x 2,5 x 34,3 cm.
- Peso de envio: 1,5 K.

Compre em nossa [Loja Online](#).



Grupos do Identités en Mouvements em Açupe, no Recôncavo Baiano. | Foto: Tacun Lecy

IDENTITÉS EN MOUVEMENTS - MOBILIDADE GUIANA FRANCESA

Quatro meses após o encontro em Salvador/BA, organizado pela Fundação Pierre Verger e marcado por uma grande encontro cultural, os grupos do projeto **Identités en Mouvements** voltaram a se encontrar, dessa vez em Maripasoula (comuna francesa do departamento de ultramar da Guiana Francesa) para dar continuidade ao programa de intercâmbio cultural que envolve instituições, jovens e educadores do Benim, Brasil, França e da própria Guiana.

A mobilidade Guiana Francesa teve como anfitriã a instituição Checheurs D'Autres e aconteceu entre os dias 15 e 23 de fevereiro, quando os participantes do projeto visitaram diversas comunidades do interior da Guiana, como Papaichton, onde puderam vivenciar experiências com povos e culturas diferentes das suas, especialmente com os *bushnenge* (descendentes de negros escraviza-

dos que fugiram da costa e se estabeleceram na região amazônica) e os indígenas.

O grupo do Brasil é formado por Ailton Pitta, Alessandra Tharsilla Santos Silva, Alex Baradel, Alexandre Santos, Deborah Leeb, Gustavo Melo, Jucélia Teixeira, Mario Mendes, Marlene da Costa, Roberta Gravina e Romério Zeferino. Eles embarcaram em Salvador/BA no dia 15 de fevereiro, com escalas em Belo Horizonte/MG, Belém/PA e Cayenne (capital da Guiana Francesa), onde encontraram com as delegações do Benim e da França e passaram a noite e no dia 16 embarcaram em bimoteres até Maripasoula.

Já em Maripasoula, todos encontraram os participantes da Guiana Francesa e a partir daí, o intercâmbio das culturas iniciou as suas atividades que envolvem artes visuais, culinária, dança, música e comuni-

cação. Também aconteceram visitas a pequenas comunidades locais, quando os deslocamentos foram realizados em pirogas (espécie de canoas motorizadas).

O retorno do grupo do Brasil aconteceu no dia 22 de fevereiro, quando saiu de Maripasoula para Cayenne e depois embarcou para Belém, onde passou a noite. Já no dia 23, o grupo fez uma escala em São Paulo/SP e desembarcou em Salvador/BA.

NOTA!

Além do projeto **Identités en Mouvements**, a região onde se encontram a Guiana Francesa e o Suriname será homenageada em exposições na Europa, com fotografias de Pierre Verger. Na Alemanha, em exposição individual, serão mostradas imagens de Verger sobre o Suriname; já na França, uma exposição coletiva mostrará fotos das Guianas.



Foto 01: Dona Maria Avelina (publicada no livro *Sertão, Sertões*). Foto 02: Dona Maria Arquelina da Conceição. Canudos 1946. | © Fundação Pierre Verger.

UM OLHAR HUMANO SOBRE CANUDOS

Em outubro de 2019, a Fundação Pierre Verger recebeu a visita dos escritores João Batista da Silva e Paulo Zangalli, que foram à instituição apresentar o livro *Sertão, Sertões: repensando contradições, reconstruindo veredas*, obra organizada por Joana Barros, Gustavo Prieto e Caio Marinho, que busca estabelecer uma narrativa a contrapelo do sertão e, sobretudo, da guerra de Canudos dialogando com a obra de Euclides da Cunha, que petrifica uma imagem do sertão e sertanejo como o lugar do atraso que precisa fundamentalmente ser superado pela modernidade, imposta por meio da guerra.

A publicação apresenta três fotografias produzidas por Verger no sertão baiano, na década de 1940; elas ilustram o texto *O homem, a presença do exército, conselheiristas*.

João Batista, que também é conselheiro do Instituto Popular Memorial de Canudos, aproveitou a oportunidade para visitar o acervo fotográfico da Fundação, no qual pode descobrir e se emocionar com fotografias da sua bisavó, Dona Maria Arquelina da Conceição. Espontaneamente, em um bate papo

com Angela Lühning (diretora de pesquisa da Fundação), falou sobre a importância e o impacto desses registros e o que eles podem expressar em relação à identidade de pessoas, famílias e lugares, e como elas (fotografias) conectam passado e presente, inclusive mostrando pessoas, invisibilizadas pela história.

"A visita de Verger a Canudos, em 1946, com Odorico Tavares, de certa maneira, possibilitou um novo olhar sobre Canudos. Até esse período se falava em Canudos com uma visão militar. Quando Verger chega com Odorico Tavares, os depoimentos e as fotos fazem com que outros historiadores e pesquisadores vejam Canudos com um novo olhar. Então foi a partir de fotografias de Dona Maria Avelina, que é sobrevivente da guerra, que as pessoas começaram a entender Canudos com um olhar mais humano. Então, ver minha bisavó fotografada por Verger, em 1946, com essa força, com esse sorriso, largo, bonito... É algo assim mágico. O sertão é isso... Beleza, resistência e, mesmo em meio a toda esta trajetória de luta e de destruição, o sorriso continua no rosto daquelas pessoas. Pierre conseguiu registrar isso muito bem

e nos traz, assim, um olhar sobre o sertão mais humano, desta beleza que foi bem capturada e eternizada a partir dessas fotografias."

No Instituto Popular Memorial de Canudos (Centro da Cidade – Terceira Canudos), encontra-se o antigo Cruzeiro (também fotografado por Verger), único objeto que permaneceu intacto após a Guerra de Canudos. A instituição é uma organização não governamental, fundada em 1993, composta por descendentes de sobreviventes da Guerra.





Exposição Botanical. | Foto: Divulgação.

BOTANICALS - PER AMOR A L'ART COLLECTION

No dia 13 de fevereiro, entrou em cartaz no Bombas Gens Centre D'Art a exposição **Botanicals**, uma seleção de fotografias da coleção de arte *Per Amor a l'Art* que apresenta diferentes abordagens para a representação do mundo das plantas.

Com curadoria de Vicent Todolí, Nuria Enguita e Carles Àngel Saurí, **Botanicals** estabelece relações entre ficções relacionadas ao mundo das plantas. São diferentes formas de olhar que dão forma à realidade de uma flor que, além de sua posição natural, torna-se uma narrativa científica, ornamental, crítica ou estética. Esta exposição aborda uma série de artistas que destacam esse momento catártico na vida de uma planta.

Algumas abordagens estéticas,

como a de Imogen Cunningham aparecem junto com as de Albert Renger-Patzsch e Karl Blossfeldt, que usam o dispositivo fotográfico do ponto de vista analítico, absorvido pelas representações do mundo natural fornecidas pela ciência.

A análise botânica e sua representação construíram uma imagem e uma estética da representação de uma flor. Esse subconsciente composicional é compartilhado por diferentes artistas nesta exposição. O jogo da repetição formal acaba dissolvendo tempo e posturas estéticas. Fotógrafos como Hans-Peter Feldmann e Mathieu Mercier ofereceram novas abordagens para esse modo de compor, com o primeiro levando isso para o kitsch. Outras abordagens apresentam uma narrativa descolonial. O trabalho de colagem

de Alessandra Spranzi, a obra de Jonas Mekas e as jornadas de Pierre Verger contribuem para essa visão geral como testemunhos adicionais sobre maneiras de retratar o mundo das plantas. A exposição termina com uma sala de Jochen Lempert, em uma instalação que mistura as fronteiras entre desejo, representação botânica e idioma pessoal.

Botanical fica em cartaz até 01 de novembro de 2020.

BOTANICALS

Bombas Gens Centre D'Art

- Endereço: Av. de Burjassot, 54, 46009 València, Valencia, Espanha.
- Abertura: 13 de fevereiro de 2020.
- Visitação: 13 de fevereiro a 01 de novembro de 2020.



OFICINAS DO ESPAÇO CULTURAL PIERRE VERGER

>>> Inscrições de 02 a 13 de março de 2020 <<<

OFICINAS DO ESPAÇO CULTURAL PIERRE VERGER

A Fundação Pierre Verger informa que no período de 02 a 13 de março estarão abertas as inscrições para as Oficinas do Espaço Cultural.

São 10 modalidades disponíveis, de forma gratuita, para crianças jovens e adultos, que têm como principal objetivo a valorização da cultura afro-brasileira, trabalhando a cidadania, e buscando reforçar a auto-estima das pessoas envolvidas.

Para se inscrever, basta ir à instituição e levar os seguintes documentos: Cópia do RG e/ou Certidão de nascimento (para criança que ainda não tem RG); Cópia do RG do responsável da criança/adolescente; Cópia do comprovante de residência; Cópia do comprovante de matrícula da escola (quando ainda em idade escolar). A inscrição é presencial.

OFICINAS OFERECIDAS

• **Artes Plásticas**, com Wellington Rosário. Sexta, das 14h às 16h |

Público: crianças (a partir de 07 anos), adolescentes, e adultos.

• **Capoeira**, com Mestre Carça. Terças e quintas, das 17h às 19h. | Público: crianças (a partir de 06 anos), adolescentes, e adultos. Segundas, quartas e sextas, das 9h às 11h – Treino de adolescentes e adultos.

• **Coral**, com Pedro Vieira. Segundas e quartas, das 16h às 18h. | Público: adolescentes (a partir de 15 anos) e adultos.

• **Culinária Criativa**, com Marlene Costa. Quartas e sextas, das 14h às 17h | Público: a partir de 10 anos.

• **Dança Afro**, com Negrizu. Sexta, das 17h às 19h | Público: adolescentes, a partir de 16.

• **Esporte**, com Mário Mendes. Quartas e sextas, das 14 às 16 e aos sábados das 9h às 12h. |

Público: crianças (a partir de 10 anos), e adolescentes.

• **Expressão Corporal**, com Negrizu. Terças e quintas: Turma 01 – das 8h às 9h30 / Turma 02 – das 9h30 às 11h; segundas e quartas das 19h30 às 21h. | Público: adultos (acima de 50 anos).

• **Informática Básica**, com Joseane Nascimento. Terças e quintas: Turma 01 – das 16h30 às 17h30 / Turma 02 – das 17h30 às 18h30. | Público: crianças (a partir de 10 anos), adolescentes e adultos.

• **Percussão**, com Luan Badaró. Quinta, das 14h às 16h | Público: adolescentes e adultos.

• **Violão**, com Gustavo Melo. Segundas e quartas das 18h às 20h | Público: adolescentes (a partir de 12 anos) e adultos.

Mais informações pelos telefones: 71 3203.8411 e 71 3203.8409



Biblioteca Jorge Amado recebeu a coleção de clássicos de Jaqueline Santos. | Foto: Tacun Lecy.

O MUNDO INFINITO DOS LIVROS (CAETANO E BETHÂNIA, MEUS PROFESSORES)

A Biblioteca Jorge Amado do Espaço Cultural Pierre Verger recebeu em janeiro a doação de uma coleção de 24 livros de autores clássicos da literatura, que chegou por intermédio de Dona Lucia, amiga da doadora, Jaqueline Silva Santos (31 anos). Ao conhecer a história de Jaqueline, que por um curto tempo morou na Rua do Sossego, próxima à Fundação Pierre Verger, e que hoje mora em Santa Catarina, decidimos contar um pouco sobre sua trajetória como reflexão.

Trata-se da história de uma menina que veio sozinha do interior da Bahia e chegou a Salvador em 2003 para trabalhar, desde cedo, como babá e cuidadora de pessoas idosas para várias famílias. E foi através de uma das suas patroas que ela mergulhou na obra de Maria Bethânia e Caetano Veloso, que ela revelou os considerar seus professores, que lhe deram formação e fizeram dela o que é hoje; o motivo: os irmãos santo-amarenses despertaram nela o gosto pela leitura, através das letras das suas músicas.

Jaqueline lembra até hoje dos primeiros livros que ela leu, como, *Ver vale a pena*, de Lucília Junqueira

de Almeida Prado. Ela sempre pegava livros no lixo, quando alguém os jogava fora. Encontrou um que se chama *Aprendendo a viver* – ela não lembra o autor, só da história – e a partir desse livro não parou mais de ler. E sempre que Maria Bethânia indicava um livro nos seus discos, ela corria atrás para conseguir lê-lo... Ou em uma biblioteca, ou em prestado de alguém.

Uma história de dedicação, vontade e, sobretudo, de amor à leitura.

Confira os principais pontos do depoimento dela, dados em conversas por WhatsApp com Angela Lühning. (A transcrição e a edição são da própria Angela.)

Minha relação com a música começou muito cedo porque na casinha em que a gente morava, não tinha televisão, não tinha água, não tinha luz; quase faltava o básico para vivermos, mas me lembro que a gente tinha um radinho-relógio à pilha e eu ficava muito tempo com este radinho, me distraindo. À noite eu escutava, de dia eu deixava de brincar com a criançada da rua para ouvir o rádio. Rádio para mim foi um meio de comunicação muito importante.

E o que eu mais ouvia era MPB, de madrugada, porque dormia escutando rádio. Os cantores de que eu gosto entraram todos na minha vida por causa deste radinho, principalmente a Maria Bethânia. Vou falar muito dela porque Maria Bethânia e Caetano são os meus heróis. Por causa deles que eu criei esta paixão pela leitura, pela literatura, principalmente a literatura nacional. Acho que os jovens de hoje deveriam valorizar mais a cultura nacional, pois ela não é muito valorizada.

Sabe, não tive a oportunidade de estudar desde pequena, eu não tive a oportunidade de ter aquele desenvolvimento que as crianças tem hoje de ir para a creche, de aprender desde o começo, venho de uma infância muito pobre. Meus pais eram alcoólatras e como irmã mais velha eu tinha que batalhar pelos meus irmãos, tinha de pedir comida na rua para eles, tinha de fazer comida, assim que chegava em casa, se não minha mãe trocava tudo por cachaca, foi um sofrimento. Depois que saí de casa para trabalhar, para dar um pouquinho para eles, eu sofri abuso sexual, eu passei por coisas assim que machucam muito o ser humano, na essência.

Eu nasci em Alagoinhas, na Bahia, em 1988, numa família de cinco irmãos. Quando nascemos, não tínhamos certidão de nascimento, porque o pai das minhas irmãs não deixava a minha mãe nos registrar, porque ela já estava debilitada pelo alcoolismo. Eles nunca foram atrás para fazer documento para a gente e quando comecei a ir para a escola tinha nove anos, graças a uma mulher de quem fui cuidar do filho. Eu fui trabalhar com nove anos de babá de um menino de cinco anos. Então, a partir dessa época, fui estudar na escola. Mas eu parei logo, porque era muito difícil estudar e trabalhar, não consegui. Saí daquela casa em 2000 e fui trabalhar com uma senhora idosa. Depois eu fui para Salvador em 2003, eu voltei para os estudos.

Em Salvador cuidei de uma senhora idosa, trabalhei dois anos para ela e através das sobrinhas dessa senhora, que gostavam muito de Maria Bethânia, eu mergulhei na obra dela. Ela recitava muitos poemas e assim fui procurar os autores, textos de Caetano, de Jorge Portugal, e desenvolvi um interesse pela música nacional e pela literatura. Através de Bethânia também conheci Fernando Pessoa, Mia Couto e outros escritores.

Nessa época nem sabia ler direito, mas aquela voz, aquela música me instigava muito e assim fui lendo cada vez mais e minha leitura foi se aprimorando. Também tive contato com Maria Bethânia através de um casal de médicos que me dava muitos CDs dela e livros para ler. O pai deste ex-patrão me incentivava a ler e me levava aos shows de Bethânia.

Quando eu saí da Pituba, da casa daquela senhora, fui trabalhar no Itaigara e lá conheci um rapaz que chama Beto Santana, ele trabalhava numa loja de discos. Fiz amizade com ele e na casa dele conheci a Lúcia, minha amiga, e daí fui parar depois no Sossego (na Vila Améri-ca). Voltei a estudar lá no Itaigara, não me lembro muito das datas, e primeiro fui cuidar de uma criança, mas de novo tive de deixar os estudos, porque os horários não batiam.

O horário que meus patrões chegavam não dava para eu ir mais, pois chegavam bem tarde, umas 8 horas da noite. Por isso tive que largar novamente os estudos, mas estudava em casa.

Assim fui largando a escola e retornando aos estudos e fiz até o primeiro ano, mas dali para frente eu deixei mesmo os estudos e foquei só no trabalho, porque tinha que trabalhar, sem pai, nem mãe, foi então que eu vim aqui para o Sul. Quando fui morar no Sossego em 2012 eu já não estudava mais por causa do trabalho. Morei dois anos no Sossego, mas ficava só em casa quando chegava do trabalho, ouvia música e lia e pouco saía.

A gente ter de escolher entre trabalhar e estudar é uma realidade muito triste. Eu trabalhei quase 10 anos para aquela minha ex-patroa no Itaigara (o casal de médicos) e eles tinham uma assinatura da revista Veja. Eu era apaixonada pela revista Veja, porque ela tinha aquelas páginas amarelas e eu gostava de ler as entrevistas dessas páginas, mas também gostava de saber o que acontecia no mundo e, através da revista, ficava informada. Mas eu lia também muitos livros, eu lia o jornal *A Tarde*, que para mim era uma maravilha. Quando lançaram aquela revista *Muito*, ficava louca esperando o final de semana, só para poder ler. Eu virei uma papa-livros e uma papa-jornais. Eu tinha também a assinatura da revista *Bravo* porque queria pegar uma revista do Vinicius de Moraes. Por isso fiz a coleção, de que gostava bastante. Eu amava, lia demais e como ela vinha uma vez por mês, eu lia e relia, até chegar a próxima. Era muito bom.

Nesses quase 10 anos na casa da Dona Soraya, ela lia também muitos romances espíritas porque quando ela lia um livro, ela dizia “Jaque, leia esse livro e me diga o que você acha.” Eles tinham o costume de dar o livro e perguntar “o que você achou desse livro?” e nisso, doida para dizer o que eu achei do livro, eu lia muito. A literatura nacional foi minha escola, na verdade, porque assim tive acesso à educação, mas

não tive a oportunidade de ir para escola todo dia, regularmente.

Quando cheguei aqui no Sul, eu conheci um rapaz que é meu marido hoje, foi em 2015 e ele não sabia ler, nem escrever e eu ensinei para ele. Passei um pouco do que eu sei para ele. Hoje meu marido sabe ler e escrever e eu o incentivo. Matriculei-o num curso do EJA (Educação de Jovens e Adultos), junto com meu vizinho. Eles estão procurando aprender e entender que a gente só cresce quando a gente sai dessa escuridão que é o analfabetismo. Eu sempre falo que, enquanto não sabia ler nem escrever, eu estava na escuridão. Quando comecei a ler, quando aprendi a escrever meu nome, eu senti que o mundo começou a se abrir para mim. Quando comecei a estudar, também fiquei com vontade de escrever, mas tinha vergonha das coisas que escrevia.

Eu tinha uns cadernos com os poemas que escrevia para Maria Bethânia, as cartas que escrevia para ela porque eu tinha esperança de um dia poder mostrar para ela. Eu achava que ela ia ver minhas poesias, que eu ia dizer a ela o quanto a música dela me mostrou o mundo de letras que eu não conhecia, de palavras que eu não conhecia e, na minha cabeça, um dia ia mostrar os meus cadernos para ela.

Mas, no dia que tive a oportunidade encontrar com ela num show, eu só pedi para ela avisar ao Caetano que amo muito ele. Quase morri do coração, chorei tanto e ela perguntou por que eu chorava e eu respondi que era porque ela é a professora de minha vida. Mas Caetano não consegui ver de perto até hoje, não sei se Bethânia deu meu recado.

Não sei se meus cadernos ainda existem, ficaram com as minhas coisas, móveis e outras coisas que deixei com minha irmã em Salvador. Na verdade, me achava muito tosca, com vergonha das coisas que escrevia, pois me sinto aquela romântica abestalhada. Hoje eu penso que a gente precisa perder a vergonha e expor o que a gente sente e falar, o que tem vontade de falar.

Gosto muito de ler ainda. Pretendo passar esse hábito para meu filho. Tenho um menininho de seis meses. E peço a Deus que tenha essa vontade também de ler. Hoje leio Paulo Coelho, porque ele é de uma importância muito grande, o primeiro livro dele que eu li foi *11 minutos* e todo mundo falou: “*Meu Deus Jaque, você está maluca de ler Paulo Coelho nesta idade!*”. Mas, para mim, foi muito bom. Hoje estou lendo outros livros dele, *Verônica decide morrer* e *As Valkírias*. Mas também li *Verdade tropical*, de Caetano, e ficava imaginando aquelas coisas que ele dizia quando ele fala um pouco da descoberta do Brasil, não que a gente não saiba, mas pela ótica de Caetano fica tudo mais bonito e mais poético.

Minha amiga Lúcia me falou sobre a doação dos livros e fiquei muito feliz poder contribuir um pouco, mesmo de longe, para que os jovens e as futuras gerações tenham acesso à cultura, porque hoje em dia a coisa está difícil. Essa coleção para mim é muito importante porque a fiz através de uma amiga, já que eu era menor de idade e não podia comprar muita coisa. Aí falei: “*Norma, eu queria comprar esta coleção porque tem alguns autores que tenho vontade de ler*”. Eu queria muito ler Fernando Pessoa, queria ler *Dom Quixote*. Tinha tudo ali, sabe? Tinha *O Primo Basílio* (Eça de Queiroz), um livro que queria muito ler. Então, ela fez a assinatura para mim. Quando os livros chegavam, era uma alegria imensa.

Eu acho muito importante os jovens lerem hoje em dia porque a literatura salva. A literatura me salvou, para mim foi um divisor de águas, porque na minha cidade e até aí mesmo na periferia de Salvador e da Bahia a gente vê que as pessoas que não têm muita informação, não têm acesso à literatura. São pessoas que não têm muita perspectiva de vida e, para mim, a literatura me salvou e me tornou o ser humano que sou hoje. Sou uma pessoa mais compreensiva, uma pessoa que gosta de conhecer o outro, de ouvir o outro. A literatura me ensinou isso.

Eu gostaria de deixar para os leitores, especialmente para os novos leitores, esta mensagem, de que aproveitem e absorvam as mensagens que os livros passam para a gente. As histórias fictícias que fazem com que a gente viaje. Quem tem a oportunidade hoje de ler e aprender com a literatura que aproveite, pois ela transforma o ser humano de uma forma muito boa. Hoje sou grata à literatura.

Essa coleção para mim é um tesouro que tive a honra de juntar aos pouquinhos. Eu li uma grande parte da coleção. Não li tudo, porque fui embora para o sul, mas do que mais gostei foi *Primo Basílio* e *Mensagem*, de Fernando Pessoa. *O Primo* foi para mim uma coisa especial, é um livro lindo.... Hoje em dia é muito difícil alguém ter uma coleção como essa e quando houve agora a oportunidade de doá-la à Fundação, fiquei muito, muito feliz mesmo. Hoje em dia eu não estou com ela perto de mim, porque não tive como trazer, então não poderia estar cuidando dela como gostaria. É muito importante que outras pessoas a leiam e a valorizem como eu a valorizei.

Quando tive esse escape, a cultura vindo na minha frente, eu pude esquecer todo sofrimento que eu passei, podia focar em coisas boas. A literatura e a música me deram esta oportunidade. Hoje sou muito feliz e muito grata, sabe, porque encontrei na minha jornada pessoas como a Lúcia, como o Beto, meu ex-patrão, minha ex-patroa, que também me ajudaram bastante, eles me davam livros de Chico Buarque para ler, davam CD's para escutar e eu aproveitei isso, me agarrei nisso, porque a cultura que eu encontrei nos livros, nas músicas, na cultura baiana, na cultura negra, me libertou do sofrimento, de tudo que passei lá atrás. E hoje sou muito, muito grata por tudo isso.

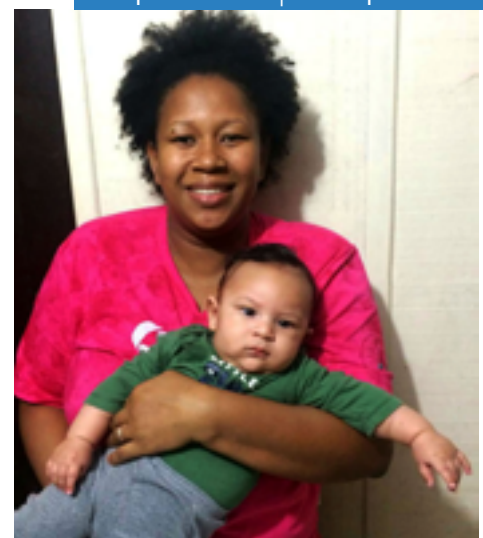
No dia que você mostrar esses áudios (a conversa por WhatsApp, aqui transcrita) para alguém que frequenta a Fundação, não esquece de dizer para essas crianças es-

tudarem, para lerem e aproveitar tudo que a literatura pode oferecer para a gente, tudo que há de bom neste mundo literário. É muito bom, principalmente a nossa literatura, a literatura de Jorge Amado, Pierre Verger; conhecer Zélia Gattai, Jorge Portugal, sabe? São pessoas que fizeram muito pela nossa cultura e que deixaram um legado muito vasto que tira o ser humano da escuridão, como me tirou, me libertou e me mostrou que a vida não é só se lamentar, chorar e se sentir vítima daquilo que aconteceu lá atrás. Claro que fomos vítimas, que sofremos, mas a gente não pode se colocar neste ponto a vida inteira. A vida é linda e maravilhosa e com a literatura, com cultura e com o trabalho que vocês fazem aí ela fica muito mais bonita e muito mais atrativa.

Não deu tempo para eu conhecer a Fundação. Lembro de Negrizu (professor de Dança do Espaço Cultural) falar da Fundação e da dança, mas quando tomei conhecimento, faltava pouco tempo de ir embora para o Sul. Assim, não deu mais para eu conhecer a biblioteca, mas tenho muita esperança que um dia eu ainda vá. Agora está bem complicado, porque estou com um bebê pequeno, mas faço questão de ir e conhecer um dia quando puder. Vi um pouco sobre o trabalho da Fundação na internet e fiquei apaixonada.

Agradeço por poder contar um pouco de minha vivência e das coisas que descobri através da leitura. Fiquei muito feliz em poder doar os meus livros e sei que estão em boas mãos.

Jaqueline e o filho. | Foto: Arquivo Pessoal.





Funcionários da Odebrecht na Praça Mestre Bimba do Espaço Cultural Pierre Verger. | Foto: Tacun Lacy.

NATAL DE AMOR NO ESPAÇO CULTURAL PIERRE VERGER

No final de 2019, o Espaço Cultural Pierre Verger foi a casa escolhida para sediar a ação "Natal de Amor – Sua doação faz o Natal e a vida de alguém mais feliz". A ação, promovida pela Odebrecht Realizações, a título de voluntariado dos integrantes, teve por objetivo a arrecadação de brinquedos e roupas para a comunidade do Engenho Velho de Brotas.

Segundo Ana Valéria, uma das responsáveis pela ação, a escolha pela Fundação Pierre Verger se deu pelo

histórico de parcerias em projetos socioculturais com a Odebrecht, além do trabalho social com a comunidade local que potencializa o esporte e a cultura como meios de inclusão das crianças e jovens como protagonistas na sociedade.

"Foi uma oportunidade incrível de doarmos um pouco do nosso tempo aos meninos e aprendermos muito com eles. Mas, o que mais nos marcou foi a recepção calorosa de todos eles. Foram muito educados, carinhosos e receptivos! Ficamos

bem impressionados também com o trabalho feito pela Fundação, com a estrutura muito bem organizada e com os profissionais engajados e apaixonados pelo que fazem. Ficamos muito felizes e emocionados em realizar essa ação e voltamos renovados com a energia das crianças!" – Relatou Ana Valéria.

Participaram da ação: Ana Valéria Nascimento, Nivalda Oliveira, Daniel Sampaio, Mateus Melo, Marcos Teixeira, Bruno Fernandes e Bernardo Bastos.

O GRUPO DE EXPRESSÃO CORPORAL EM PELÍCULA DE IRINA LINKE

Em janeiro, a Fundação Pierre Verger recebeu, entre os inúmeros visitantes do Brasil e do exterior, a visita de Irina Linke, uma documentarista, antropóloga e cineasta alemã, que já realizou diversos documentários sobre países e contextos culturais diferentes, em especial sobre mulheres.

Ao conhecer as instalações da Fundação, a trajetória e a obra de Pierre Verger e a proposta de trabalho do Espaço Cultural, ela ofereceu espontaneamente realizar uma documentação sobre algum tema de interesse da instituição e que fosse possível ser realizado no curto período de menos de três semanas de

sua estadia na Bahia.

Em comum acordo, foram escolhidas as turmas da oficina de Expressão Cultural, dirigida a mulheres acima de 50 anos e idealizada pelo dançarino e professor Negrizu, responsável pela atividade.

Durante o tempo restante de sua estadia, Irina propôs a ideia às mulheres, participou de algumas aulas e depois documentou as atividades e fez as entrevistas. Elas falaram sobre suas motivações para participar dessa oficina, o que ela significa para elas e qual a visão de suas famílias em relação a essa atividade.

Ainda falta um tempo para esse material ser editado e finalizado, mas o resultado já está sendo aguardado com bastante expectativa por todas as alunas e pelo professor.

Após o retorno à Alemanha, Irina mandou a seguinte mensagem para as turmas: *"Vocês me inspiraram com a sua alegria ao dançar, sua paixão e seu jeito franco. Vocês vão me acompanhar durante o processo da edição do material filmado e, assim, eu continuarei aprendendo com vocês. Parabéns pelo trabalho e pelo empenho."*

[Clique aqui](#) e conheça o trabalho de Irina Linke.



Imagens da festa de comemoração de aniversário do Brazil Cultural. | Fotos: Javier Escudero.

PROJETO BRAZIL CULTURAL COMEMORA 15 ANOS NO ESPAÇO CULTURAL

No sábado, dia 15 de fevereiro, o Espaço Cultural Pierre Verger recebeu o projeto Brazil Cultural para a comemoração dos seus 15 anos de existência. O projeto, criado por Javier Escudero e sua esposa Patrícia Burgos, realiza atividades de intercâmbio de jovens estudantes e universitários americanos com famílias e instituições baianas, proporcionando aos participantes a oportunidade de conhecer a cultura afro-brasileira a partir de experiências com pessoas, iniciativas culturais e contextos que expressam a sociedade baiana atual, com suas belezas, mas, também, com as suas contradições e problemas sociais e raciais.

Esse dia de comemoração foi festejado com um almoço, preparado por Marlene da Costa, responsável pela Oficina de Culinária Criativa do Espaço Cultural, um sorteio de fotos de Javier Escudero, que tam-

bém é fotógrafo, uma performance da Mestre Griô Vovó Cici e da jovem dançarina Debora Leeb, além de uma vivência coletiva, comandada por Luan Badaró, percussionista e educador da Oficina de Percussão do Espaço.

Estiveram presentes cerca de 60 pessoas, contando com representantes de várias instituições parceiras que chegaram a se conhecer pela primeira vez nesse momento especial, como: Mollie Cerqueira, da American Society International; Dr. Nelson Cerqueira, da Academia Bahiana das Letras; Rita Cliff, do projeto Bahia Street; Jucy Silva, do Instituto Cultural Steve Biko; Renato Santos, do Projeto Social Pré-Vestibular Quilombo Ilha (Itaparica); Anatelson das Neves e Barbara, da Associação de Arte e Cultura Quilombo do Tere-ré (Itaparica); Angélica Moureira, do Ajeum da Diáspora; além de Ange-

la Lühning, Nancy de Souza (Vovó Cici), Marlene da Costa, Deborah e Kayanara Leeb, do Espaço Cultural Pierre Verger. Também estiveram presentes alguns dos jovens baianos beneficiados pelas ações formativas realizadas por Javier para atuarem nas atividades de intercâmbio (aulas de inglês, comunicação e produção) e o grupo de mães baianas que recebe os jovens durante as visitas.

Os depoimentos empolgados de vários dos representantes das instituições presentes reforçaram a importância das atuações em parcerias realizadas ao longo dos anos e as contribuições que isso trouxe para as instituições envolvidas, mas também para diversas pessoas, em especial jovens afrodescendentes, que se beneficiaram através das formações e que conseguiram construir seus caminhos de vida.



Camiseta Básica FILHOS DE GANDHY

A FUNDAÇÃO PIERRE VERGER

Modelo: NEGRIZU SANTOS



COMPRE EM NOSSA LOJA ONLINE
www.lojapierreverger.org.br

A Fundação Pierre Verger se mantém através do recebimento dos direitos autorais e da venda de obras e produtos estampados com fotografias de Pierre Verger. Toda renda obtida é revertida para a preservação de seu acervo e manutenção do Espaço Cultural. Interessados em contribuir com a Fundação podem entrar em contato através do endereço fpv@pierreverger.org.

FUNDAÇÃO
Pierre Verger

Fundação Pierre Verger

2ª Travessa da Ladeira da Vila América, 6, Engenho Velho de Brotas.

Salvador, Bahia, Brasil. CEP: 40.243-340.

Tel.: +55 71 3203.8400 | www.pierreverger.org | @fundacaopierreverger